

POLÍTICAS PÚBLICAS E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A SOCIEDADE BRASILEIRA

Entrevistada: Prof.^a Dra. Suely de Fátima Ramos Silveira¹

Entrevistador: Prof. Dr. Vinicius de Souza Moreira²

¹ Universidade Federal de Viçosa (UFV) / Departamento de Administração e Contabilidade – Viçosa/MG – Brasil

² Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) / Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – Varginha/MG – Brasil

Resumo

Nesta entrevista adotamos a metodologia estruturada, isto é, seguimos um roteiro pré-estabelecido pelo entrevistador. A entrevista foi realizada de maneira síncrona, via *Google Meet*, no dia 10 de setembro de 2024. Com o consentimento da entrevistada, a conversa foi gravada e, posteriormente, transcrita. A entrevista teve duração de 40 minutos e o seu conteúdo abordou a importância das políticas públicas para a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Políticas Públicas. Sociedade. Democracia.

Public policies and their importance for brazilian society

In this interview we adopted a structured methodology, that is, we followed a script pre-established by the interviewer. The interview was carried out synchronously, via *Google Meet*, on September 10, 2024. With the interviewee's consent, the conversation was recorded and later transcribed. The interview lasted 40 minutes and its content addressed the importance of public policies for Brazilian society.

Keywords: Public Policies. Society. Democracy.

Las políticas públicas y su importancia para la sociedad brasileña

En esta entrevista adoptamos una metodología estructurada, es decir, seguimos un guión preestablecido por el entrevistador. La entrevista se realizó de forma síncrona, vía *Google Meet*, el 10 de septiembre de 2024. Con el consentimiento del entrevistado, la conversación fue grabada y posteriormente transcrita. La entrevista tuvo una duración de 40 minutos y su contenido abordó la importancia de las políticas públicas para la sociedad brasileña.

Palabras clave: Políticas Públicas. Sociedad. Democracia.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13984504>

ISSN: 2359-6252

Editora-chefe: Letícia Lima Milani Rodrigues

Editor-adjunto: Vinicius de Souza Moreira

Entrevistador: Como as políticas públicas afetam a nossa vida cotidiana?

Entrevistada: Eu penso que as políticas públicas afetam a nossa vida totalmente. Por quê? Elas têm grande influência sobre a nossa vida, seja pelo lado positivo, seja pelo lado negativo. O que eu quero dizer com isso? Por exemplo, uma política de educação afeta a sociedade como um todo. Então, o acesso à educação é importante para a vida de todos nós, porque as possibilidades de uma sociedade com maior nível educacional, com acesso à educação, de qualquer faixa de renda, qualquer idade, em qualquer nível educacional, ela é importante. Não tem nada que substitua uma política de educação bem formulada e implementada. Então, é algo que surge em benefício da sociedade, então, afeta a vida de todos nós.

Se a gente pensar numa política de saúde, ela é importante também. A saúde é fundamental e ela vai afetar a vida da sociedade como um todo, porque em uma sociedade, quando as pessoas têm acesso à saúde, isso beneficia o conjunto da população. Beneficia individualmente, beneficia as pessoas, aqueles que têm acesso aos serviços de saúde, aos tratamentos de saúde, e beneficia aqueles outros indivíduos que têm outros meios, mas também são beneficiados por conviver com uma sociedade saudável, uma sociedade que se cuida, que tem acesso a tratamentos de saúde. E no caso brasileiro, não poderia deixar de citar o SUS [Sistema Único de Saúde], e os programas que o SUS tem, como o programa de saúde da mulher, programa de saúde do homem, programa para gestante, aleitamento materno, dentre outros. Então, veja como isso é importante para a nossa sociedade. A gente ouve pessoas falando “eu consegui fazer uma mamografia pelo SUS”. Olha que fantástico é isso! Então, uma mulher já pode fazer um tratamento preventivo contra o câncer usando o Sistema Único de Saúde, portanto é uma política que afeta a vida de todos nós.

Vou falar mais um exemplo, a política de habitação. Veja como a política habitacional é importante até para a organização, a urbanização das cidades. Porque quando você tem uma periferia enorme que não teve acesso ao planejamento, que são casas improvisadas, onde as pessoas vivem sem acesso a esgoto sanitário, sem acesso à água tratada, isso acaba que se transmite para toda a cidade. Dessa forma, tudo isso é consequência da falta de acesso a uma habitação digna e tudo que ela pode oferecer para uma família e que essa ausência acaba gerando outros problemas sociais. A habitação em condições, aquela moradia que a gente chama “moradia digna”, ela tem benefício para toda a sociedade também.

Então, são questões importantes e isso requer políticas públicas bem feitas, porque, infelizmente, a gente tem política pública mal planejada, mal desenhada e, às vezes, até uma política que se sobrepõe a outra. Isso não é bom para a sociedade e acaba prejudicando a todos nós. Quando você pensa: qual é o recurso que está sustentando essa política? Qual é o recurso que está sendo usado para esse programa que não está tendo resultado? Então, é recurso público, que no fim das contas não resolve um problema público, que é da sociedade, mas que consome recurso público e está sendo mal alocado.

Entrevistador: Qual é o papel da universidade no contexto das políticas públicas?

Entrevistada: Eu acredito que o papel da universidade é importante, muito importante. Ele não pode ser deixado de lado. Vamos por ordem, qual que é o papel da universidade? O papel básico da universidade é o ensino. A gente tem o ensino, a graduação, e na graduação nós já estamos formando pessoas para atuarem profissionalmente junto à sociedade. Então, nós podemos ter ali egressos que vão atuar no setor privado, mas também vão atuar no setor público. Então, a universidade, ao formar o estudante, ao trazer conteúdos que abarquem as políticas públicas, tem um importante papel na formação, seja na graduação, seja na pós-graduação.

Na universidade, nós temos, ainda, os programas de iniciação científica e nós investigamos, um pouco mais, as políticas públicas nesses programas que os alunos participam e isso tem um efeito positivo para os professores, para os estudantes e para a sociedade.

A universidade, no segmento pesquisa, na produção de pesquisa, na investigação, pode trazer aspectos que contribuem socialmente. Então, quando um professor atua como parceiro de um gestor

público, quando um pesquisador está ali atuando, fazendo pesquisa, ele está colaborando com o gestor público, em qualquer instância, seja municipal, seja estadual, seja federal. E o próprio resultado da pesquisa pode ser útil na avaliação das políticas públicas.

Falando em avaliação, o Brasil criou uma comissão de avaliação de políticas públicas, ou melhor, o Conselho de Monitoramento e Avaliação de Políticas Públicas, que é muito importante. Nós ainda não temos um hábito arraigado de avaliação, mas esse já é um passo. Eu tenho acompanhado, até para os meus estudos, para as minhas aulas, eu tenho acompanhado o que essa comissão faz. Tem uns estudos interessantes, mas eu acho que são pouco divulgados. Podia ser mais divulgado para a sociedade. Até os alunos, quando eu falo sobre a comissão, questionam: “ah, mas isso existe?” Eu falo: “existe, a gente tem um comitê de monitoramento e avaliação de políticas públicas”. O conhecimento e a informação que as universidades produzem são muito importantes para a tomada de decisões, para a sociedade, para as pessoas terem mais acesso, terem mais conhecimento.

Há, ainda, o papel da extensão, e se a gente pensar na extensão universitária, ela pode contribuir muito com a comunidade, ela pode contribuir não só no nível local, mas numa perspectiva mais ampla, regional, estadual. Então, a extensão universitária pode contribuir informando as pessoas, construindo junto com as pessoas. Quando você pensa, por exemplo, no caso da agricultura familiar, muitas vezes falta o acesso à informação, que a universidade pode prover e, com isso, a pessoa pode começar a conhecer uma política pública da qual ela pode ser beneficiária.

Portanto, entendo que a universidade tem um papel relevante, seja no ensino, seja na pesquisa, seja na extensão. E divulgar. A gente tenta divulgar, mas eu acho que é importante que outros segmentos da sociedade conheçam, fora do meio acadêmico, conheçam mais o trabalho que a universidade faz, o alcance que a universidade tem. A troca ideias, é muito importante essa troca de conhecimento, esse acesso que a universidade nos permite ter, tanto no nível nacional quanto no nível internacional. Então, eu acho que é indispensável o papel da universidade.

Entrevistador: Qual é o papel dos cidadãos nas políticas públicas?

Entrevistada: Individualmente, eu penso que o primeiro passo seria buscar o conhecimento, saber quais são as políticas públicas que o governo promove, que o governo do país promove. Quais são as políticas públicas que estão disponíveis para o meu estado, que são políticas específicas do meu estado? O meu município tem política pública? Quais são as políticas públicas do meu município? Então, é importante que o cidadão busque se informar sobre o que está disponível, o que está acontecendo, como os recursos públicos estão sendo alocados, porque, como eu falei anteriormente, existem ações que se sobrepõem. Ou então, políticas públicas que têm um objetivo muito amplo e que, às vezes, não acabam funcionando. Isso é prejuízo financeiro para a sociedade toda, e prejuízo para os cidadãos em geral. Uma política pública mal elaborada, mal implementada, traz descrédito junto à sociedade. E isso é ruim, isso é ruim. Então, isso é importante, num momento em que a gente vive recebendo *fake news* o tempo todo, recebendo desinformação, é fundamental que o cidadão busque a informação correta.

A gente está vivendo um momento dramático de mudança climática, que eu acredito que não seja só uma crise, é algo que veio e que vai durar. E a nossa reação, se ela for muito lenta, talvez a gente não tenha tempo para modificar o quadro e o quadro pode se aprofundar e piorar. Então, o papel do cidadão, do exercício da cidadania, é importante para as políticas públicas, é importante para o país, é importante para o indivíduo também. É necessária a informação, a informação correta, boa, clara, precisa, que chegue ao cidadão. Isso é necessário.

E aí juntamos aquilo que você me perguntou antes, da política pública na nossa vida cotidiana. Políticas ruins vão afetar nossa vida dramaticamente. Como, por outro lado, políticas boas, políticas que têm efeitos positivos, elas afetam positivamente a vida de todos os cidadãos. Então, é muito importante o papel do cidadão. E cada vez mais nós percebermos o nosso valor, o valor da cidadania, o exercício, a necessidade do exercício da nossa cidadania.

Entrevistador: Como as políticas públicas se relacionam com a democracia?

Entrevistada: A gente precisa de democracia para ter política pública, porque se não existir um ambiente democrático, se a gente tiver um outro tipo de ambiente, a gente não tem política pública. Tudo que é feito por ditadores, por exemplo, são imposições, não são políticas públicas. Então, a democracia é fundamental para que exista política pública.

A democracia tem que ser considerada um valor, um bem para a sociedade porque sem ela não existe o que a gente está chamando aqui de política pública. Sem um ambiente democrático, existem imposições, rigidez, questões que não vão olhar para o interesse do público, não vão olhar para o interesse do cidadão.

A gente acabou de falar na questão da saúde, da educação, habitação, mas isso só é possível no ambiente democrático, é possível você pleitear, é possível você discutir, é possível você levantar bandeiras. Aí, quiçá, a gente recupere a nossa capacidade de fazer política. Eu estou me lembrando aqui, do Ulisses Guimarães, que eu respeitava, admirava, admiro até hoje, um político que é voltado para a nação. Todo aquele movimento para a nossa Constituição de 1988, ele veio para resgatar a democracia no nosso país e pela luta de políticos que se engajaram nesse ideal de retomarmos a democracia do nosso país. Então, as políticas públicas só existem se tivermos democracia.

Entrevistador: Em uma sociedade desigual, como a brasileira, como as políticas públicas se relacionam com temas transversais, tais como, a igualdade de gênero, a igualdade racial, envelhecimento e a população LGBTQIAP+?

Entrevistada: Eu acredito que a gente ainda está tateando, nós estamos dando os primeiros passos, porque são questões, até então, ignoradas ou deixadas de lado por conveniência, por falta de interesse e até por culpa nossa, por não trabalharmos que a cidadania fosse exercida. Então, eu penso que nós estamos tateando, mas nós já temos avanços. Por exemplo, no caso da igualdade de gênero, tem-se procurado, tem-se buscado avançar. A gente vê o papel da mulher, quando a mulher começa a sair de casa para poder trabalhar, e aí isso afeta a sociedade toda. E a mulher sempre deixada em segundo plano, em segundo lugar. E foram muitas e muitas e muitas barreiras que foram vencidas. Eu vejo hoje um avanço enorme, a diferença da vida que foi da minha avó, da minha mãe e para mim. Então, é uma mudança intergeracional. E olha que a minha avó era uma guerreira, ela era muito autônoma. E ela já era revolucionária naquele tempo dela. Minha avó nasceu em 1900. Morreu com 90 anos. E a gente, a mulher, sempre com esse anseio de se posicionar na sociedade, de ser respeitada profissionalmente, ser respeitada individualmente. Então, são lutas que estão sendo travadas ainda para que a mulher ocupe seu espaço com respeito.

Com relação à política para as pessoas idosas, eu também acho que estamos iniciando. A gente precisa ter esse olhar, a população brasileira está envelhecendo. Então, a gente tem que se preparar para o futuro. A taxa de natalidade reduziu e nós já temos exemplos de países ricos que passaram por crises por conta disso. E nós ainda somos pobres. Então, é aquela frase que já está ficando um tanto batida, “nós estamos envelhecendo pobres”. Mas ainda há tempo, porque a faixa 60+, ainda não é a maior parte da população. Então, é essa faixa de 40, 50 anos que é a maior faixa da população. Mas temos que abrir os olhos, por quê? Porque o tempo passa depressa. E se essas decisões corretas não forem tomadas agora, nós vamos sofrer no futuro.

Sobre a outra questão, a igualdade racial, também estamos tateando. O preconceito ainda é muito grande. Então, é uma luta que os movimentos sociais têm abraçado. Evolui um pouquinho, depois volta, evolui mais um pouquinho, mas sempre no saldo positivo e há um passinho que foi dado à frente.

A população LGBTQIAP+, ainda é uma população muito discriminada. O Brasil sempre está nas estatísticas como um país que não respeita esse grupo. Infelizmente, o Brasil é um dos países que mais mata as pessoas por uma questão de orientação sexual. Então, nós ainda também precisamos encarar com coragem e de frente essa questão. A questão da discriminação, a questão do ódio, a questão de

algumas pessoas disfarçadas de religiosas que só fomentam o preconceito. E aí eu ressalto a minha admiração pelo Papa Francisco, quando ele fala, quando ele acolhe a população LGBTQIAP+, ele acolhe, ele chama, ele não discrimina. Então, é alguém que é uma referência para grupos religiosos e, até mesmo, para quem não é religioso ou não é católico, ele é uma referência mundial. Então, uma fala por uma liderança é importante para que as pessoas se posicionem e emitam mensagens encorajadoras e lutem pelos direitos.

Eu acredito que a discriminação, por qualquer coisa, situação ou condição, tem que ser banida da sociedade. Uma sociedade que se diz avançada, que se quer avançada, que tem um olhar para o futuro, não pode conviver com o preconceito, seja de qualquer ordem. Eu acho que o preconceito é uma doença. Ele adoece a sociedade. Por quê? Porque ele cega, ele veda. A pessoa não consegue olhar para outros caminhos. Então, é péssimo. Eu acho que nós temos que trazer, resgatar coisas que são boas, como a solidariedade, como a convivência pacífica, como o respeito. Respeito é uma coisa importante. E respeito é o que? Respeito ao direito do outro. Respeito de nós sermos nós mesmos e respeito ao direito do outro quando ele quer ser o que ele é. Quando uma pessoa discrimina outra, quando ela é preconceituosa, ela está negando o direito do outro ser o que ele quer ser. Seja branco, seja negro, seja homem, seja mulher, seja a população LGBTQIAP+. É um direito que o outro tem de ser como é.

Eu penso que a desigualdade ainda persiste entre nós e temos muitas barreiras a transpor. Mas eu acho que o caminho, existe o caminho da educação, existe o caminho da busca por algo melhor. Eu quero deixar algo melhor para minha filha, eu quero deixar algo melhor para os meus sobrinhos netos que já nasceram, e os que virão, eu quero um mundo bom. Eu quero um mundo onde haja bondade, onde haja respeito, respeito ao próximo. E um mundo que possa progredir também respeitando a natureza, porque nós fazemos parte da natureza, a natureza não é uma coisa isolada, o planeta Terra é um conjunto harmônico. Então, ser humano com os animais, com a floresta, com as matas, é essencial para a gente ter vida, ter ar puro, ter água. Por exemplo, em algum lugar nos Estados Unidos, as abelhas desapareceram. O trabalho que uma abelhinha faz, o ser humano não faz. E a abelha é importante para polinizar várias plantas, é aí que a planta se multiplica. Então, se você não tem uma abelhinha, isso já traz um desequilíbrio para a natureza. Se a gente pensar nisso, a gente está num planeta que as coisas são juntas, não há desenvolvimento se você mantiver a desigualdade. E a desigualdade social, ela é terrível. A desigualdade entre as pessoas, o preconceito, ou seja, qualquer tipo de desigualdade, ela é péssima. E aí nós precisamos de boas políticas públicas, de melhorar as políticas públicas, de tocar nesses temas que, às vezes, são temas mais sensíveis.

Então, nós precisamos mostrar para as pessoas que a sociedade é um conjunto. E valorizar todos, todos nós temos valor, as pessoas são valorosas, elas têm valor. E para a gente criar uma sociedade que possa viver bem, a gente tem que romper essas barreiras. E aí que entram as políticas antirracismo, as políticas de igualdade de renda, de gênero, as políticas para pessoas idosas e as políticas também para a população LGBTQIAP+. Se eu pudesse, eu faria uma campanha para as pessoas perceberem o valor de uma sociedade harmônica. Eu fico me lembrando de grandes ícones da história, Mahatma Gandhi, Martin Luther King, pessoas corajosas, audaciosas que saíram pelo mundo disseminando a igualdade, a paz, a esperança. Então, eu gostaria muito de ver um mundo melhor, um mundo que respeita a natureza, um mundo que respeita o ser humano, um mundo que respeita a fauna e a flora, rios e lagos, pois nós todos fazemos parte da natureza.

REFERÊNCIAS

FIRMIN, M. W.. Structured Interview. In: GIVEN, L. M. (Ed.). **The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods**. SAGE Publications Inc., 2008.

Sobre a entrevistada



Suely de Fátima Ramos Silveira  
sramos@ufv.br

Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração e do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Viçosa (1984), Mestrado em Economia Rural pela Universidade Federal de Viçosa (1993) e Doutorado em Economia Aplicada pela ESALq/Universidade de São Paulo (2000). Tem experiência na área de Administração, atuando, principalmente, na linha de pesquisa Políticas Públicas.

Entrevistador: Vinicius de Souza Moreira  
vinicius.moreira@unifal-mg.edu.br

Doutor (2021), Mestre (2016) e Bacharel (2013) em Administração pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professor Adjunto do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), Campus Varginha-MG.